

# AURORA

# A OBREIRA

REVISTA N° 48  
ANO 4 - 2015  
MARÇO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!



# REVOLUCIO

## EDITORIAL

A libertação da humanidade ou será resultado de uma transformação social e global mas que parta do indivíduo ou tratará apenas de um simulacro da liberdade, aquela que temos hoje.

O sistema de gêneros, como um sistema classificatório, pressupõe ele próprio uma hierarquização que, ao reproduzi-la em nossas relações sociais, perpetuamos as bases que mantêm o sistema capitalista.

O capitalismo usurpa a nossa individualidade, nos sujeita a representações necessárias à sua própria sobrevivência – pessoas eleitoras passivas, consumidoras ávidas, empregadas submissas, etc.

Não somos livres para exercermos a nossa unicidade. Sob o peso das instituições e representações sociais, quase sempre desconhecemos nossos desejos, nossas potencialidades.

O estabelecimento de uma divisão binária da humanidade baseada em pressupostos naturais e reinteradores da hierarquia nas relações interpessoais nos parece muito pouco coerente com um projeto de vida que pretenda a superação do capitalismo e a vida em liberdade. Novas formas de sociabilidade precisam ser forjadas para que possamos provocar um curto-circuito nos alicerces da máquina social e econômica que pretendemos suplantar.

Para além da disputa entre homens e mulheres, cada pessoa deve ser livre para constituir-se enquanto ser, abraçando qualidades e características que representem não papéis socialmente impostos, mas uma particularidade que a defina única no mundo. Essa é uma condição para nos tornarmos pessoas de nossa própria história e, enquanto tal, fazê-la a nosso modo.

# AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



## AURORA OBREIRA

Número 48 - Março 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra. Artista Anarquista. Danças das Idéias. ATB. Esta revista foi feita em soft livre. Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net  
barriliber@anarkio.net  
barriliber@riseup.net  
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net  
fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: loj rezervitaj rajtoj  
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:  
Copyleft: Liberacana Barikado - 2015;  
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;  
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:  
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;  
-Vi vidu kompletan permeson:  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>



Luise Michel

## **As mulheres na Comuna de Paris**

Existem datas que se perpetuam!

A Comuna de Paris é uma delas, das mais empolgantes no caledário histórico-político-social que a humanidade registrou.

Produto de uma sementeira libertária de longa data, ganhou raízes, começou a germinar entre pessoas operárias e intelectuais, evoluiu, realizou congressos, movimentou, ganha velocidade e ação.

Responsável por esta energia ideológica, proletariado francês não podia aceitar a traição de Generais que abandonaram a França às hordas militares prussianas. Thiers, para obter a paz, ofereceu-lhes as chaves de Paris, cinco milhões de francos e a Alsácia e Lorena. A capitulação fora anunciada em 28 de janeiro de 1871, pelo Governo de Defesa Nacional. Mas o povo de Paris não aceitou a rendição!

A França proletária não podia suportar tanta covardia militar, desafia o inimigo invasor e no dia 18 de março de 1871, as pessoas de Paris proclamam a Comuna! Pessoas operárias e camponesas de todo o país foram convocadas para ajudar na “liquidação do Governo traidor, a fim de que cada pessoa fosse dona de seu próprio destino”.

Estava feita a revolução popular! Agora era só consolidá-la!

Ouçamos uma das mulheres que lutou na Comuna: Luiza

Michel:

*“Ao romper da aurora ouvia-se tocar a rebete: marchavamos a passo de carga, sabendo que íamos ao encontro do poderoso exército que se alinhava em posição de batalha.*

*Sentíamos-nos como se não pisássemos a terra, porque acreditávamos que íamos morrer pela liberdade. Depois de nossa morte, Paris inteira se levantaria de armas nas mãos para se defender ou morrer pela causa. Em certas horas, a população constitue a frente do oceano humano.*

*O horizonte estava aureolado por uma suave luz branca, um esplêndido amanhecer de libertação. De repente, ao nosso lado, marchando conosco, vi minha mãe e senti uma angustia espantosa; inquieta vindo todas as mulheres estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte. Mas não era a morte que nos esperava lá no alto da Colina onde o exército já dispunha os canhões para juntá-los aos de Batignolles, tomados durante a noite: era a surpresa de uma vitória popular.*

*Entre nós e o exército, as mulheres se lançam sobre os canhões e metralhadoras: os soldados surpreendidos por este heroísmo, permanecem imóveis.*

*Enquanto o general Leconte ordena aos soldados que façam fogo sobre a multidão, um suboficial, saindo das fileiras, pára em frente a Companhia sobre o seu comando e grita, abafando a voz de Leconte: Culatras arriba! Os soldados obedecem. Era Verdaguerre, a quem, sobretudo, por essa atitude, se fuzilou em Versalhes, meses depois.”*

Secundando a vitória, as pessoas Comuneiras distribuíram a sua “Declaração ao Povo Francês”, da qual traduzimos o seu fecho:

*“A Revolução Comunalista, começada por iniciativa popular em 18 de março, inaugura um era nova de política experimental, positiva e científica.*

*Apelamos, por isso, para toda França.*

*Lembrem-se que Paris em armas possui tanta calma como bravura; que sustenta a ordem com tanta energia como entusiasmo;*



*que se sacrifica com tanta razão como heroísmo; que não se armou para lutar pela liberdade e pela glória de todas as pessoas.*

*Quanto a nós, pessoas Cidadãs de Paris, temos a missão de completar a revolução moderna no sentido mais largo, mais amplo e mais fecundo de todas as revoluções que têm iluminado a história.*

*Impõem-se-nos o dever de falar e de vencer.*

*Paris, 19 de abril de 1871.”*

Para o geógrafo e anarquista Eliseu Reclus, participante da Comuna e condenado à morte por isso, pena trocada por sua expulsão do país atendendo aos apelos dos homens da ciência do mundo, viu nesse movimento “superioridade a todas as revoluções que a precederam, inclusive o estoicismo das 147 pessoas que foram fuziladas junto ao “Muro dos Federados, no Cemitério Père-Lachaise em Paris”. (em Cuba alguns muros usados por Fidel Castro para fuzilamentos de “inimigos” passaram a história como “El Paredón).

A experiência durou 55 dias, tempo suficiente para registrar a participação valiosa das mulheres, de cujo rol extraímos alguns nomes: Natalia Le Mel, deportada para Caledônia; Marie Ferré, condenada a trabalhos forçados por toda a vida; Linna Houseau, condenada à morte; Ristoff, condenada à morte; Marchais, condenada à morte; Suetans, condenada à morte; Marguerite Diblane, condenada à morte; Laure, Hortense Daud Vautrain, Leroy e Marie Cayen, condenadas a trabalhos forçados por toda a vida.

Deportada para Caledônia foi também Luiza Michel, professora, poetisa, escritora e jornalista libertária, cuja participação na Comuna de Paris foi das mais evidentes.

Condenada à deportação, Luiza pediu que a fuzilassem com suas companheiras, mas não foi atendida.

Em sua homenagem, e por extensão a todas as mulheres comuneiras, vamos inserir neste artigo, suas próprias palavras:

***“A proclamação da Comuna foi esplêndida. Não era a festa do poder, mas a cerimônia do sacrifício. Sentia-se que os eleitos eram votados ao martírio e à morte. A tarde de 28***

*de março, sob um sol magnífico que recordava a aurora do 18, o 07 Germinal, ano 79 da Republica, o povoe de Paris, que a 26 havia elegido a própria Comuna, inaugurou a sua entrada no Palácio da Cidade.*

*Um vasto oceano humano; o clangor dos clarins e os tambores ruflavam em surdina, o bater dos dois caixas inimitáveis de Montmatre, aqueles mesmos que na noite em que entraram os prussianos acordaram Paris; as baquetas espectrais e os seus punhos de aço ecoavam sons estranhos.*

*Mas desta vez os sinos estavam mudos; o pesado troar dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução.*

*E as baionetas se abaixavam ante a bandeira vermelha das pessoas comuneiras, que em grupo circundavam a estátua da República.*

*Toda Paris em pé. Os canhões, a intervalos, fazem ouvir os seus estampidos. Numa tribuna está o Comitê Central. Em frente os membros da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia.*

*O Comitê declara findo o seu mandato e entrega o poder à Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: Viva a Comuna! Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol.*

*-Em nome do povo – disse Ranvier -foi proclamada a Comuna!*

*Tudo foi grandioso neste prólogo da Comuna; a morte devia consagrar-lhe a apoteose. Nada de discursos: mas um grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!*

*Todas as bandas de música tocam a “Marselhesa” e o “Canto da Partida”. Um furacão de vozes repetem-lhe o estribilho. Muitos velhos abaixam a cabeça. Dir-se-ia que ouviam a voz dos mártires da liberdade.*

*São homens de junho e de dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830. Mabile, Malezieux, Cayol.*

*O único poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de pessoas de inteligência, de coragem, de honestidade a toda prova, de devoção e de energia.*

*Mas o poder ao manietou, não lhes deixando senão sua indomável vontade para os sacrifícios; souberam morrer heroicamente. Todo o poder traz em si o germen da destruição. Por isso mesmo é que sou anarquista.*

*Luiza Michel.”*

Contra os fuzilamentos e assassinatos de cerca de 35 mil revolucionários e as deportações em massa dos Comuneiros, choveram protestos, explodiram manifestações de repúdio em vários países.

Apesar do clamor universal em 1876 o parlamento francês intoxicado pelo ódio aos Comuneiros e ao povo que pretenderam dispensar seus serviços rejeitou por 422 votos contra 50 a proposta de anistia para os presos da Comuna apresentada por Raspail.

Restituídas à liberdade as mulheres da Comuna continuaram sua caminhada. Luiza Michel destacou-se pela sua luta emancipadora, merecendo ataques pessoais e ideológicos do historiado português Manuel Pinheiro Chagas, publicados pelo jornal O Reporter de 25 de janeiro de 1888, acabando por levar uma bengalada (?) ou cair de susto ferindo-se na cabeça. O episódio resultou na prisão de vários anarquistas, um rumoroso julgamento de três deles e a condenação de Manuel Joaquim Pinto a 18 meses de prisão, em 16 de junho de 1888.

Luiza Michel morreu em 10 de janeiro de 1905.

Não é exagero dizer-se que a Comuna de Paris foi obra de pessoas emancipadas que lutaram e morreram lado a lado.

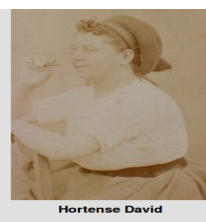
Gazeta do Sul – 19/03/1983



Joséphine Marchais,  
blanchisseuse



Léontine Suetens



Hortense David

# JÁ BASTA!

**Contra o machismo/patriarcado  
capitalismo/totalitarismo  
não há arrego!**



FENIKSO NIGRA

## MULHER CONHEÇA, ORGANIZA E LUTA!

*amarkio.net - femikso@riseup.net*



## **Estou ficando louca?**

Você já entrou numa discussão com toda a certeza de que tinha razão e saiu dela se desculpando, com uma sensação estranha de confusão, de que o mundo tinha virado do avesso?

Eu nunca pensei, quando ingressei no serviço público (sim, eu estive no serviço público por alguns anos), que um dia eu seria a “louca do departamento”. Sabe? Aquela pessoa que todo mundo cochicha quando passa, que é “louca de tomar remédio”, que tira licença para fazer tratamento psiquiátrico (e um tanto de gente acusa de estar só enrolando, inclusive)? Essa.

Mas eis que um dia eu me olhei no espelho e ela estava lá, me encarando de volta, com olhos esbugalhados, olheiras profundas, o rosto abatido, os cabelos desgrenhados. “Como é que você foi parar aí?” Perguntei, num misto de nojo e pena. E ela me contou. Mas foi só anos mais tarde que aprendemos que o que havia ocorrido tinha nome.

Eu já fiz um texto em que expliquei brevemente a minha interpretação de alguns termos interessantes que usamos no feminismo, inclusive o gaslighting (lê-se “gaslaitim”), de que vou tratar aqui; mas esse é um conceito que, para mim, foi tão necessário e libertador, que sinto a necessidade de falar mais esmiuçadamente a respeito dele. É engraçado como é importante, como é empoderador, nomear o gaslighting, conhecê-lo e reconhecê-

lo. É como se nos vacinasse.

A definição básica de gaslighting é alguém manipular outra pessoa para levá-la a desconfiar de sua própria percepção da realidade. Isso pode chegar ao ponto de a pessoa (e/ou quem convive com ela) começar a duvidar de sua sanidade mental ou mesmo acreditar piamente que a perdeu. Um de seus objetivos mais frequentes é o silenciamento.

O termo vem de uma peça de teatro de 1938, de Patrick Hamilton, chamada “Gaslight”, com duas adaptações para o cinema, uma britânica, de 1940, e outra americana, de 1944. A peça fala sobre um homem que pratica gaslighting com sua esposa até que todes, incluindo ela mesma, pensem que ela está mentalmente doente (tem outras coisas na trama, claro, mas eu não vou entregar).

O gaslighting, a meu ver, pode ocorrer em duas esferas: a primeira, da confiança da pessoa em sua própria percepção, e a segunda, da confiança de outras pessoas na percepção dela. Nem sempre ele atinge a ambas, mas sempre atingirá (ou tentará atingir) a pelo menos uma delas. Por isso, as pessoas mais vulneráveis ao gaslighting são as pessoas que já sofrem o preconceito de serem “loucas”, “irracionais”, “governadas por hormônios”, “histéricas”, “barraqueiras”, “brutas”, “sensíveis demais”, “gagás”, que “não falam coisa com coisa”. Ou seja, toda e qualquer pessoa cujas palavras, opiniões e sentimentos tendam a ser diminuídos ou desconsiderados pela sociedade como um todo: mulheres, crianças, adolescentes, idosos, pessoas negras, pessoas LGBT, pessoas que sofrem de doença mental, pessoas com deficiência, pessoas cujo discernimento seja limitado por algum motivo, etc.

Como a sociedade já dá, injustamente, menos credibilidade a essas pessoas, o trabalho da pessoa gaslaiteadora de descredita-las perante outrem é facilitado, já está praticamente pronto. Além disso, por estarem habituadas a esse tratamento, elas próprias podem já ter introjetado esse gaslighting, já tendo muita dificuldade de confiar em seus próprios sentimentos e percepções,



deixando também pronto o trabalho da pessoa gaslaiteadora nesse sentido.

As crianças são, para mim, as maiores vítimas dessa forma de abuso psicológico e de uma forma tão sistemática e institucionalizada e naturalizada (normatizada) que a maior parte das pessoas nem percebe que é isso o que faz. É tanta coisa para falar a respeito que farei um post só para tratar disso. Me aguardem.

A forma mais crassa de gaslighting, a mais desavergonhada, é alguém falar que não fez algo que fez, ou fez algo que não fez (ou falou). Este vídeo sensacional do Porta dos Fundos ilustra bem essa situação. (<http://youtu.be/k-ZLWCZHqOs>)

Um outro exemplo: marido se compromete a passar o dia com as crianças; de última hora, resolve sair para jogar bola com os amigos; ao invés de reconhecer sua falta de palavra, faz de conta que nunca prometeu nada.

Não é que ele finja que esqueceu, simplesmente. Se ele fizesse isso, ele estaria mentindo, mas assumindo que falhou, mesmo que não admitisse que a falha foi deliberada. O que configura o gaslighting dele é o fato de que ele tenta imputar a falta de compromisso dele a uma “viagem” (um erro de percepção) da pessoa com quem ele assumiu o compromisso, que fica lá pensando “ué... será que estou ficando louca? Será que realmente não chegamos a conversar a respeito e eu imaginei tudo? Mas eu lembro! Mas ele está falando com tanta certeza...” e assim por diante.

A pessoa, especialmente por acreditar na boa-fé da outra, parte do princípio de que ela própria deve estar enganada. Que ela tem que estar enganada. Porque, né, quem faz isso? Quem tem tanta desonestidade, tanta frieza, tanta cara de pau? Pois é. Tem gente que tem.

Que nem quando um estuprador (ou até pedófilo!) fala que o ato foi consensual, que a vítima sabia muito bem o que fazia, ou mesmo que nada aconteceu, que ela é uma louca inventando isso para prejudicá-lo, para chamar atenção. Gaslighting.

Também é gaslighting quando alguém leva outra pessoa a duvidar de sua percepção em relação aos fatos, mesmo admitindo os

fatos em si. É o que acontece nos casos em que se culpa a vítima pelos atos nocivos de outra pessoa. Quando se justifica o estupro com a conduta ou das roupas da vítima, quando se justifica a violência doméstica com o fato de a mulher não ter saído do relacionamento depois ou mesmo antes da agressão, quando se justifica a cesárea desnecessária com o “consentimento” obtido através da coação da mulher em pleno trabalho de parto. Sabe quando a pessoa vira a mesa e joga a culpa que é dela para outra? Então.

No caso do marido que mencionei acima, ele praticaria essa versão de gaslighting se, quando confrontado a respeito de sua falta de compromisso, ele virasse para a outra pessoa e dissesse que só prometeu porque ela forçou a barra, que é pelo bem dela ou das crianças que ele vai sair jogar futebol, que é porque ele está estressado porque ela briga tanto com ele, que foi ela mesma quem sugeriu que ele deveria sair, etc. Como se algo que a outra pessoa supostamente fez ou falou desse a ele o direito de não cumprir sua palavra. Pior, como se nem fosse um ato deliberado, uma escolha dele, mas algo a que ele se vê forçado pelas circunstâncias, coitado dele. De novo, o cara está tirando o foco do fato de que a atitude dele é errada e fazendo a outra pessoa pensar e sentir que o erro, na verdade, é dela. Que ele é a vítima ali.

Acontece muito em casos de traição conjugal. Casal monogâmico, uma das pessoas vai e faz sexo com alguém de fora e depois fala que foi levada a isso porque suas necessidades (afetivas, sexuais, o que for) não estavam sendo plenamente satisfeitas dentro do relacionamento. Como se isso escusasse a desonestidade e deslealdade de seus atos.

Tem também a deslegitimação, que eu chamo de gaslighting emocional. Agir ou falar como se a outra pessoa não tivesse o direito de sentir o que for, como se o sentimento dela não fosse justificado; minimizar o acontecido, impor que a pessoa perdoe e/ou esqueça, dizer ou implicitar que é exagero, ou mesmo diretamente negar que haja qualquer causa para a pessoa se sentir daquela forma.

Aliás, é incrível a dificuldade que muitas pessoas têm de

entender que sentimento não precisa ser justo, motivado, fazer sentido. Sentimento a gente não escolhe, não tem por querer, não é certo, nem errado. Sentimento a gente sente, e só. Podemos ter um problema com o que alguém faz a partir do que sente, mas não tem cabimento recriminar ou reprovar o sentimento dela em si.

Voltando ao assunto, é o que acontece quando alguém passa por uma violência e, ao falar a respeito, ouve que tem que “entender o outro lado”, por exemplo. Não nego que empatizar com a parte agressora e tratar a origem da agressão faça parte do processo de reabilitação e seja algo importante a se fazer. Mas não faz sentido defender a parte agressora para a vítima que, num momento de completa vulnerabilidade, desnuda um trauma pelo qual passou. É uma questão de contexto.

Também é muito comum que pessoas pertencentes a grupos oprimidos, ao apontarem discursos e atos que reforçam essa opressão, ouçam de volta que “estão de vitimismo”, ou que “ai, agora tudo é racismo”, ou que “foi só uma piada”, ou que “você não soube interpretar”, e por aí vai.

Retomando o marido lá de cima, ele estaria praticando essa forma de gaslighting se falasse para quem reclama com ele que a pessoa está exagerando, implicando, procurando pelo em ovo, ou se saísse com o irônico “tá, eu só faço merda/só cago/sou um bosta mesmo”.

Por fim (aqui no texto, não nas formas possíveis de gaslighting, que são infinitas, infelizmente), tem uma espécie de gaslighting especial que eu chamo de “gaslighting de flagrante preparado”. Flagrante preparado é quando a pessoa é induzida a praticar o delito por obra de outra pessoa que a instiga àquilo justamente com o intuito de incriminá-la. A propósito, juridicamente, é uma modalidade ilegal de flagrante (súmula 145 do Supremo Tribunal Federal).

O gaslighting de flagrante preparado é quando uma pessoa provoca, cutuca, escrotiza e, claro, gaslaiteia outra até esta perder a cabeça, e daí usa isso, essa explosão, como desculpa para desconsiderar os argumentos e sentimentos desta. Muitas vezes, inclusive, se utiliza disso para descreditar a pessoa gaslaiteada

perante a outrem, para que também desconsiderem seus argumentos e sentimentos. Sabe o povo do “apelou, perdeu”? Então.

Muito comum no contato com as criaturas passivo-agressivas do mundo.

Esclareço que não estou defendendo a agressão (até porque isso pode cair naquele caso de gaslighting em que a pessoa culpa a outra por seus próprios atos). O que estou falando é que não é porque alguém se descontrola que podemos ignorar o que essa pessoa tem a dizer. E que é de uma monstruosidade indescritível usar contra uma pessoa o descontrole que conscientemente se provocou nela. E que há pessoas que fazem isso. Deliberadamente.

Nos casos de assédio moral, como o de que fui vítima, é muito comum o gaslighting de flagrante preparado, especialmente porque costuma haver toda uma hierarquia envolvida, uma autoridade de que se abusa para pressionar a pessoa gaslaiteada, que é enlouquecida em fogo brando até explodir e, a partir daí, começa a agir de forma descontrolada, dando munição para quem diz que o problema na verdade é ela.

Pode parecer pouca coisa, um drama de escritório, mas não é. É uma forma de abuso psicológico muito grave e muito tóxica e é um sintoma de uma sociedade que é seletiva em relação às pessoas que merecem seu acolhimento. Há relativamente pouco tempo, tivemos um verdadeiro holocausto brasileiro e quase ninguém sabe. Por quê? Porque aconteceu com pessoas “loucas”. E quem quer ouvir o que elas têm a dizer?

Gostaria de agradecer pelas trocas com as inúmeras mulheres que conheço que, como eu, vivenciaram (e/ou vivenciam) essa forma de violência psíquica em suas vidas e compartilharam suas impressões comigo. Dedico a vocês este texto.

Por Leticia P.



# TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



**PSICOLOGICA**



**FISICA**



**PATRIMONIAL**



**DESIGUALDADE E  
DESCRIMINAÇÃO**



**SEXUAL**



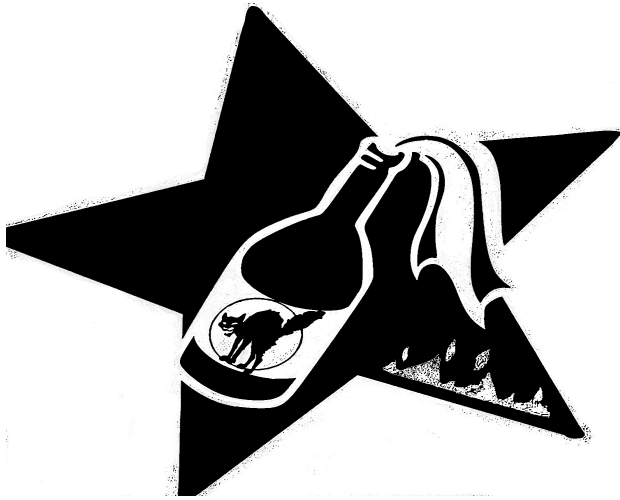
**ECONOMICA**

**TODA VIOLÊNCIA  
É GRAVE E CAUSA DANOS IGUAIS!**



**FENIKSO NIGRA  
INOJ MOVADO**





## **A “nova” mulher brasileira**

Soprando em todas as direções os ventos da liberdade, também agitou a mulher brasileira.

Muitas vêm nas manifestações pró-liberdade sexual uma conquista importante, tão importante que constituíram grupos feministas de contestação aos chamados “machões”, e reivindicam direitos de todas as formas.

De protesto em protesto, romperam o bloqueio dos homens e duas delas – as escritoras Raquel de Queirós e Dinah Silveira de Queirós – foram eleitas para Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro.

Levadas pelos ventos, já realizaram o 1º Congresso da Mulher Fluminense, e pelo Brasil, explodem bombas, manifestações feministas, chegando às pichações nos muros das residências dos “machistas”.

Não faz muitas semanas, Andrée Michel, feminista francesa, esteve no Rio de Janeiro para falar dos direitos da mulher. Suas palavras no salão da IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) foram de repúdio aos crimes praticados contras as mulheres em Minas Gerais e em Cabo Frio, pelos seus maridos.

Segundo a feminista francesa e suas colegas cariocas, há muito a fazer na luta pelos direitos da mulher no Brasil e no Mundo!



Aquis já se fala muito em planejamento familiar, para evitar que os casais tenham filhos indesejados, crianças carentes e desajustadas, muitas convertidas em delinquentes ou inadaptados em nossos dias. A criminalidade infantil neste país é assustadora e em grande parte – garantem psicólogos – tem origem na miséria, nos filhos não desejados por mães solteiras ou casadas, na pobreza e nos lares em decomposição. Com o planejamento familiar e o aborto livre garantem a feministas - “estas calamidades públicas” seriam debeladas ou atenuadas pelos menos.

Dir-se-ia que “nova” mulher pleiteia os mesmos direitos que os homens e muitas delas já se engajam nas lutas políticas, ultrapassando o limitado interesse sexual da maioria das feministas, para lutar e morrer na clandestinidade, como foi o caso de Maria Augusta, desaparecida em 1973, entre outras jovens, concretizando um desejo de auto-afirmação.

As mais afoitas, já se transformam em líderes e algumas se denominam pioneiras, quando é certo que no Brasil a luta pela emancipação da mulher vem de muito longe, tem sua história. Data do final do século passado o grito feminino: Procriação consciente!

Uma das pioneiras de direito e de fato, que deu expressão ao feminismo no Brasil, responde pelo nome de Ercília Nogueira Cobra, autora do livro *Virgindade Inútil e Anti-higienica* (novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens, pág 212) que só por si é uma declaração de guerra à virgindade e ao machismo, uma proclamação de liberdade sexual e dos direitos iguais ao uso do corpo.

Outra pioneira dos anos vinte, foi a professora e escritora anarquista Maria Lacerda de Moura. Mineira, passou parte de sua vida em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1945.

Sua primeira obra data de 1918. Em 1919, já publicava seu terceiro livro, “Renovação”, e fazia ao abri-lo, a seguinte advertência: “Moças do meu país: se alguém vos disser que este livro não pode ser folheado por uma menina – não acrediteis.

É possível que o classifiquem de mil modos segundo o espírito conservador, tradicional e reacionário. O que é certo é que o escrevi para vós e nada há, aqui, indigno da donzela mais ingenua ou da mulher mais casta. O que há é a verdade e muita gente se empenha

em no-lo esconder.”

Depois publicava sucessivamente: A fraternidade na escola; A mulher e a maçonaria; A mulher moderna e o seu papel na sociedade atual e na formação da civilização futura; e em 1924, A mulher é uma degenerada?, réplica ao cientista Miguel Bombarda. São 150 páginas admiráveis em defesa da mulher!

Entre a sua dúzia e meia de livros publicados e traduzidos ao castelhano, todos em defesa da liberdade e da mulher, destacam-se: Religião do amor e da beleza (1931); Amai e... não vos multipliqueis (1932); Han Hyner e o amor no plural (1933).

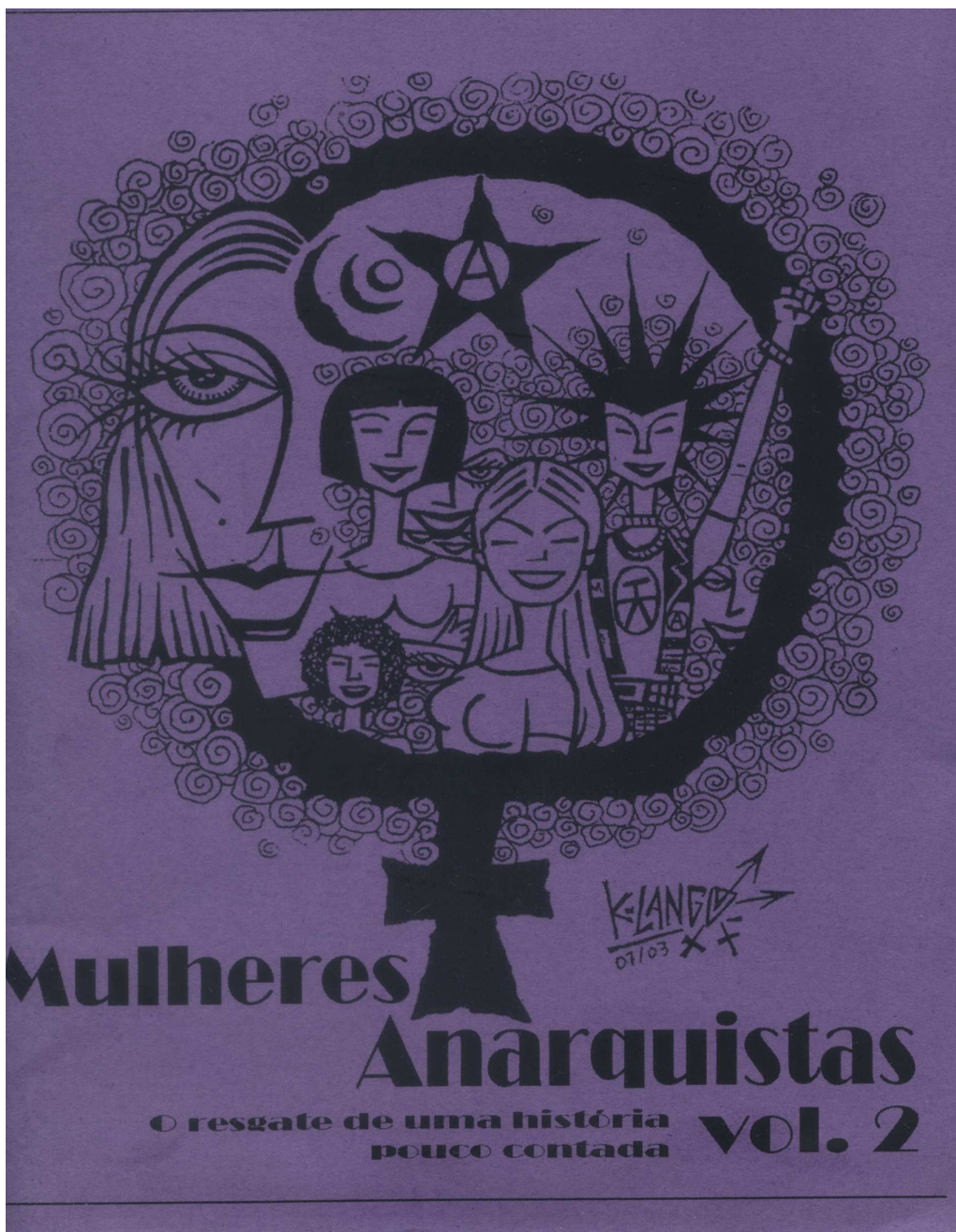
“Esquecida” pelas feministas modernas, certamente por ser uma anarquista individualista, a professora Maria Lacerda de Moura reclamava uma liberdade plena que via como um todo, e defendia: “E, um dia, todas as pessoas, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo ou de nacionalidade, serão irmãs no auxílio mútuo e no respeito à dignidade da consciência livre – para mais alta evolução do tempo e para além do espaço...

“Só nesse dia, só no dia da festa da realização interior de cada ser humano, só no dia da consagração do culto à liberdade do semelhante (porque, hoje, todos sabem reivindicar a liberdade, mas deslizando por sobre a liberdade do que está mais próximo...) só no dia em que cada ser realizar, sentir e gozar a alegria no coração dos outros seres, na comunhão dos sonhos e do labor, só nesse dia saberemos cantar a Paz e a Liberdade, e, por sobre as ruínas bárbaras dos troféus do direito da força – plantaremos a bandeira universal do Direito Humano.” (1933).

Tal como a escritora-pioneira Maria Lacerda de Moura, há quem conteste o feminismo de alcance sexual com o argumento de que para além dessa conquista, é necessário pleitear um educação nova que proceda à demolição do reacionário que cada ser humano carrega dentro de si, até tornar as pessoas plenamente livres, irmãs emancipadas, capazes de construir uma sociedade igualitária. Então sim, todes seremos plenamente livres.

Jornal da Província – 1 a 15/02/1981





Mulheres

Anarquistas

O resgate de uma história  
pouco contada

vol. 2

Acesse o livreto inteiro em nossa página  
eletrônica:

<http://anarkio.net/index.php/libr/740-mulheres-2>



## Porque o feminismo ofende o macho alfa?

O que é um “macho alfa”? Entre outras características, ele é um homem, hétero e cis que consegue ser o centro das atenções.

Quantos homens cis não conhecemos que não conseguem viver sem ser o centro das atenções? O homem cis quando quer chamar a atenção faz de tudo, inferioriza os demais a sua volta (ainda que sejam amigos), grita para mulheres na rua, “canta” todas as amigas, muitas vezes se faz de bobo da corte e se necessário até arruma brigas. Isso funciona bem, porque infelizmente ainda vivemos em uma cultura machista, o que apenas recompensa seu comportamento negativo.

É uma espécie de “capitalismo de atenção”, muitos grupos de pessoas são assim, você precisa disputar para ser uma pessoa ouvida, as mulheres nem tem vez para falar, só ficam paradas no máximo cochichando no ouvido umas das outras em um diálogo paralelo e marginalizado. São tratadas como meros enfeites, e não como pessoas.

Depois que experimentei meios libertários (anarquistas), foi realmente aliviante me sentir numa dinâmica diferente, ainda que, por vezes essa dinâmica me cobre muito mais autocrítica e revisão de privilégios como homem cis.

Nós homens cis somos educados para agir assim, por isso o feminismo pode ofender muitos de nós. As feministas estão se lixando para nós e para o que pensamos sobre elas e sua luta, e isso



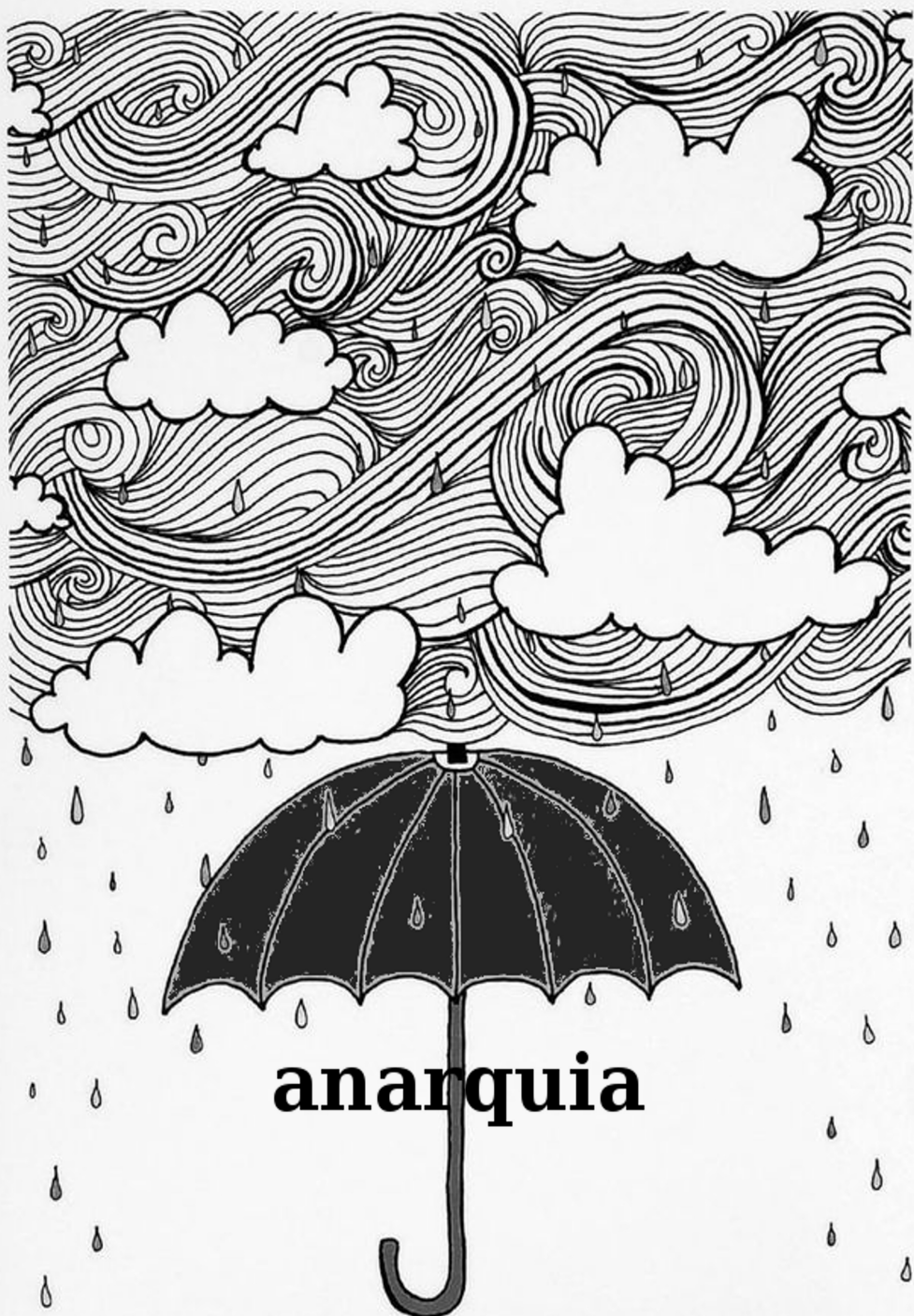
é atípico para o homem cis! Deixamos de ser o centro das atenções, por isso as feministas lutam tanto para manter seu protagonismo, a maioria dos homens cis, inconscientemente vai tentar ser o centro das atenções, ainda que com a desculpa de estar "tentando ajudar" ou até "participar" desta luta.

É popularmente dito dentro da cultura machista, que as mulheres "falam pelos cotovelos", mas em seu desespero por atenção, os "machos alfas" é que "falam pelos cotovelos" e monopolizam os diálogos. Prestem atenção.

E nós homens cis, fomos educados a monopolizar diálogos. Ainda que não sejamos exatamente o "macho alfa", toda nossa cultura nos impulsiona a tentar ser e tentar competir, transformando o que deveriam ser uma conversas agradáveis entre pessoas numa espécie de campo de guerra, tudo bem disfarçado de "bom humor" e "camaradagem". Se o feminismo as vezes nos ofende, será que não é porque está nos obrigando a ver que não somos o centro do universo como nos ensinaram?

Talvez como homens, possamos ser menos machistas simplesmente sendo mais humildes, respeitando o protagonismo das mulheres quando o assunto é feminismo e nos concentrando mais em nossa própria autocrítica e desconstrução, mas prefiro deixar a conclusão por conta de cada pessoa.





**anarquia**

**Pessoas ajudam pessoas!**





## **Maria Lacerda de Moura - Uma Anarquista Individualista Brasileira**

*"Sou "indesejável", estou com os individualistas livres, os que sonham mais alto, uma sociedade onde haja pão para todas as bocas, onde se aproveitem todas as energias humanas, onde se possa cantar um hino à alegria de viver na expansão de todas as forças interiores, num sentido mais alto - para uma limitação cada vez mais ampla da sociedade sobre o indivíduo."*

Maria Lacerda de Moura

Um dos temas da história do movimento operário e, particularmente, do anarquismo, que até hoje tem sido pouco pesquisado é o da presença feminina. Na história do anarquismo, e do socialismo no seu conjunto, a atuação das mulheres, mesmo não sendo rara, é significativamente menor do que a masculina. Existem razões de sobra que explicam esse fato. Em primeiro lugar, na composição do operariado que viria a gerar esses movimentos, a percentagem de mulheres foi, ao longo de muitas décadas, muito inferior à dos homens. Um fato ainda mais evidente nos círculos da intelectualidade independente que esteve associada ao nascimento das idéias socialistas. Por outro lado, a cultura familiar reacionária, ou revestida de valores conservadores, estava bem presente no mundo operário do século XIX e primeira metade do século XX, fazendo com que

as mulheres acabassem, mesmo nos movimentos sociais, adotando - ou sendo empurradas em alguns casos - para uma posição subalterna, ligada a velhos preconceitos associados a idéias como "fragilidade feminina", papel "maternal" das mulheres ou da sua "passividade".

É certo que em muitos casos era tão-só a histórica divisão de papéis sociais que relegava as mulheres para uma função doméstica que contrariava, ou dificultava, a sua militância social. Talvez por isso, entre as mulheres que mais se destacaram no movimento anarquista, exista um número importante de personagens femininas que optaram por uma vida pessoal independente, onde o casamento e uma relação familiar mais tradicional, ou até a maternidade, foram recusadas em nome da liberdade e da autonomia.

Evidente que o papel das companheiras e cúmplices - sentimentais e de idéias - dos anarquistas, e dos militantes operários em geral, foi de tal forma relevante que constituiu, por si mesmo, uma destacada presença feminina no movimento. Ainda que um feminismo pseudo-radical, incapaz de situar historicamente e culturalmente as relações de gênero, veja nessa relação ou em aspectos tradicionais das relações dentro das famílias dos militantes operários e anarquistas a prova irrefutável da manutenção de valores machistas e de sujeição das mulheres nos movimentos anti-burgueses.

A cultura operária anti-capitalista sempre procurou valorizar os direitos intrínsecos e específicos das mulheres. Era também comum, na imprensa e literatura libertárias, a crítica das instituições familiares, do casamento burguês e a defesa do amor livre<sup>3</sup>, tematização que alguns pensadores individualistas chegaram a dar um relevo especial. Foi o caso de Emile Armand<sup>4</sup> e Han Ryner<sup>5</sup>. Mulheres libertárias, como Emma Goldman<sup>6</sup>, também deram uma particular atenção ao tema.

Mesmo sendo assim, há que se reconhecer, a presença efetiva, marcante e autônoma das mulheres, no movimento operário e no anarquismo, foi limitada. O que não impediu que em alguns setores operários, particularmente no têxtil, tecelãs e costureiras tivessem um papel determinante na organização e nas lutas sindicais, a partir das quais se destacaram importantes militantes libertárias e socialistas que contribuíram para o anarco-sindicalismo e para o sindicalismo revolucionário internacional. É no contexto da época e das sociedades onde desenvolveram sua militância que poderemos explicar as diferenças de presença, de importância ou de destaque entre mulheres e homens no movimento operário anarquista ou no movimento socialista em geral. Por

essa mesma razão, não é de estranhar a ausência de um número mais significativo de teóricas do anarquismo e do socialismo, principalmente no século XIX.

Apesar de tudo isso, nomes como Mary Wollstonecraft<sup>7</sup>, companheira de William Godwin<sup>8</sup> e precursora do feminismo, Flora Tristán<sup>9</sup>, Louise Michel<sup>10</sup>, Emma Goldman, Voltarine de Cleyre<sup>11</sup>, Lucy Parsons<sup>12</sup>, Tereza Mané<sup>13</sup>, Federica Montseny<sup>14</sup>, May Picqueray<sup>15</sup>, Giovanna Caleffi<sup>16</sup> e Luce Fabri<sup>17</sup>, deixaram profundas marcas nos movimentos sociais e no pensamento libertário de seus respectivos países. Em Portugal, alguns nomes se destacam: Miquelina Sardinha<sup>18</sup>, Virgínia Dantas e Luisa Franco Adão. No Brasil, Edgar Rodrigues, na sua obra *Os Companheiros*, que reúne em cinco volumes uma ampla pesquisa biográfica de militantes anarquistas, lista o nome de 52 mulheres que tiveram especial relevância no movimento social, no período que vai do final do século XIX à metade do século XX.

Entre estas mulheres, Maria Lacerda de Moura merece um lugar à parte, não só pela sua personalidade combativa, pela sua múltipla atividade de escritora e conferencista, como pelo destaque que chegou a ter, não só no Brasil, como em outros países da América do Sul, tendo os seus textos divulgados em Portugal, na França e, principalmente, na Espanha.

Nascida em Minas Gerais a 16 de maio de 1887, desde jovem se interessou pelo pensamento social e pelas idéias anticlericais. Formou-se na Escola Normal de Barbacena, em 1904, começando logo a lecionar nessa mesma escola. Inicia então um trabalho junto às mulheres da região, incentivando um mutirão de construção de casas populares para a população carente da cidade. Participou da fundação da Liga Contra o Analfabetismo. Como educadora, adotou a pedagogia libertária de Francisco Ferrer Guardia<sup>19</sup>. Após se mudar para São Paulo, começou a dar aulas particulares e a colaborar na imprensa operária e anarquista brasileira e internacional. No jornal *A Plebe* (SP) escreveu principalmente sobre pedagogia e educação. Seus artigos foram também publicados por jornais independentes e progressistas, como *O Combate*, de São Paulo e *O Ceará* (1928), de Fortaleza, de onde se extraiu o texto *Feminismo? Caridade?*, bem como em diferentes jornais operários e anarquistas de todo o Brasil.

Em Fevereiro de 1923, lançou a revista *Renascença*, publicação cultural divulgada no movimento anarquista e entre setores progressistas e livre-pensadores. A importância desta militante pode ser avaliada, entre

outros, pelo fato de que, em 1928, jovens estudantes e trabalhadores paulistas terem invadido o jornal pró-fascista italiano Il Piccolo, como resposta a um artigo que caluniava violentamente a pensadora libertária. Na mesma época, Rachel de Queiroz<sup>20</sup> polemizou acaloradamente, nas páginas d' O Ceará, com um jornalista cearense que atacou Maria Lacerda.

Ativa conferencista, tratava de temas como educação, direitos da mulher, amor livre, combate ao fascismo e antimilitarismo, tornando-se conhecida não só no Brasil, mas também no Uruguai e Argentina, onde esteve convidada por grupos anarquistas e sindicatos locais. Entre 1928 e 1937, a ativista libertária viveu numa comunidade em Guararema (SP), no período mais intenso da sua atividade intelectual, tendo descrito esse período como uma época em que esteve "livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais".

Maria Lacerda de Moura pode ser considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil e uma das poucas ativistas que se envolveu diretamente com o movimento operário e sindical. Entre os seus numerosos livros destacam-se: Em torno da educação (1918); A mulher moderna e o seu papel na sociedade atual (1923); Amai e não vos multipliqueis (1932); Han Ryner e o amor plural (1928) e Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital (s/d).

O texto de Maria Lacerda de Moura que transcrevemos de seguida foi publicado no jornal independente O Ceará (1928), de Fortaleza, a pedido da então jovem escritora Rachel de Queiroz, que se consagraria como uma das grandes romancistas brasileiras contemporâneas. Esse texto expressa o pensamento de Maria Lacerda de Moura sobre o feminismo e sua visão anarco-individualista. Uma filosofia libertária bastante influenciada por Han Ryner, um pensador libertário original que se destacou em França como ativista anti-militarista, anti-clerical e defensor do amor livre. Outra influência notória no texto é a de Emile Armand.

É certo que ele não representa todo o pensamento da anarquista brasileira. Como todo militante, com larga atividade literária, passou por diferentes fases e sua reflexão abordou temas tão diversos como a guerra, o malthusianismo e a pedagogia libertária.

Polêmica na literatura e na militância, Maria Lacerda de Moura passou pela Maçonaria e pela Fraternidade Rosa Cruz, com quem rompeu denunciando-a como agente do nazismo. Atravessou algumas fases de

maior envolvimento social e outras de isolamento, umas de otimismo e outras de declarado pessimismo. E, se no fim da vida, permanecia num certo pessimismo, isso deve-se certamente às divergências e rupturas que, no fim da década de 20, confrontavam anarquistas e comunistas ao mesmo tempo em que acontecia a ameaçadora ascensão do fascismo. No entanto, quando após a fundação do Partido Comunista dirigentes desse partido, fizeram várias tentativas para aliciá-la, a pensadora libertária recusou-se a abandonar sua visão de mundo, mantendo até ao fim da vida o seu anarquismo individualista<sup>21</sup>.

Maria Lacerda de Moura é praticamente desconhecida no Brasil, onde um certo feminismo parece querer ocultar aquela que seria uma das primeiras e mais importantes ativistas das causas das mulheres, mas que nunca reconheceu no Estado, no Direito e no acesso profissional burguês a sua causa. Na verdade, isso acontece porque, antes de tudo, via generosamente a luta feminista como parte integrante do combate social compartilhado igualmente por homens e mulheres engajados na luta pela eliminação de toda exploração, injustiça e preconceito. Talvez por isso mesmo, ela seja ainda um símbolo incômodo para toda a sociedade conservadora, até para o atual conservadorismo feminista, mero arrivismo social de classe média em busca do seu lugar ao sol no Estado e no capitalismo, tal como foi para as sufragistas da classe média e das elites do seu tempo. A militante anarquista morreu em 1945, no Rio de Janeiro.

Notas:

1 Historiadora e professora da Universidade Federal do Ceará.

2 Doutor em nada, militante anarquista e colaborador da imprensa libertária

3 Giovanni Rossi (1856-1943), idealizador da Colônia Cecília fundada em 1891 por anarquistas italianos no sul do Brasil, chegou a escrever o livro *Un Episodio d'amore nella Colonia Cecília*, onde analisa a sua experiência pessoal de um amor plural e as dificuldades de superação das relações e moral convencional numa comunidade libertária.

4 Emile Armand (1872-1963). Um dos mais importantes militantes anarquistas individualistas franceses. Autor de *L'Initiation Individualiste Anarchiste* e *Anarquismo e Individualismo*.

5 Han Ryner (1861-1938). Pensador e escritor anarquista individualista francês nascido na Argélia. Pacifista, anticlerical e defensor do amor livre. Autor de *O Pequeno Manual Individualista* e de *O Quinto Evangelho*, exerceu grande influência sobre Maria Lacerda Moura, mais visível no seu livro *Han Ryner e o Amor Plural*, de 1933.

6 Emma Goldman (1868-1940). Militante e pensadora anarquista de origem russa, emigrou para os EUA em 1886. Em 1919 foi expulsa para a Rússia, mas logo teve de abandonar o país por discordar do que denominava a evolução autoritária da Revolução Soviética. Viveu em vários países e teve um importante papel no apoio à Revolução Espanhola de 1936. Viria a falecer no Canadá.

7 Mary Wollstonecraft (1759-1797). Ativista libertária inglesa, companheira de William Godwin e autora do livro precursor do feminismo *Vindicatin of the Rights of Woman*, editado em 1792.

8 William Godwin (1756-1835). Considerado um dos primeiros pensadores anarquistas modernos foi o autor do livro *Investigação Acerca da Justiça Política*, editado em 1873.

9 Flora Tristán (1803-1844). Libertária, de pais peruanos, nascida em Paris. Preocupada com o problema social, engajou-se nas lutas operárias e escreveu, em 1843, a *União Operária*, uma das primeiras propostas de organização internacional dos trabalhadores.

10 Louise Michel (1833-1905). Professora e militante anarquista francesa. Participou da Comuna de Paris e acompanhou de forma ativa o crescimento do movimento operário e do anarquismo francês.

11 Voltairine de Cleyre (1866-1912). Uma das mais ativas agitadoras e oradoras anarquistas americanas, colaborou na revista *Mother Earth* e destacou-se por tratar dos temas referentes às mulheres e ao amor livre.

12 Lucy Parsons (1853-1942). Militante operária e anarquista americana. Companheira de Albert Parsons, um dos mártires de Chicago, continuou sendo uma ativa militante operária até ao final da sua vida, dando destaque aos temas da mulher e do racismo.

13 Teresa Mané (1865-1939). Militante anarquista e professora, ficou conhecida pelo pseudônimo de Soledad Gustavo, foi companheira de Federico Urales e mãe de Federica Montseny, que constituíram uma das famílias mais ativas no movimento anarquista espanhol.

14 Federica Montseny (1905-1994). Uma das mais conhecidas militantes anarquistas espanholas. Militante da CNT, durante a Revolução de 1936 integrou o governo republicano como ministra da saúde, por decisão majoritária, embora polémica do movimento anarquista.

15 May Picqueray (1898-1983). Anarquista individualista e ativa pacifista francesa.

16 Giovanna Caleffi (1897-1962). Militante anarquista italiana, companheira de Camilo Berneri, assassinado pelos estalinistas em Barcelona. Continuou sua militância em Itália até morrer. Sua filha Maria Louise Berneri, foi também militante anarquista.

17 Luce Fabri (1908-). Ativa militante anarquista uruguaia ainda viva, filha de Luigi Fabri (1877-1935) um dos mais ativos anarquistas italianos deste século.

18 Miquelina Sardinha (1902-1966). Professora e militante anarquista portuguesa, companheira de Francisco Quintal (1898-1987) ativo militante



anarco-sindicalista.

19 Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Pedagogo e militante anarquista espanhol que desenvolveu os princípios da Escola Moderna baseada no ensino misto, laico, crítico e científico. O seu método e filosofia de educação espalharam-se por diversos países entre os quais o Brasil. O movimento operário, principalmente o anarco-sindicalista, criou escolas nos sindicatos baseadas no pensamento de Ferrer. Francisco Ferrer viria a ser fuzilado, em 1909, em razão das suas idéias e da sua militância social.

20 Rachel de Queiroz (1910-). Romancista e cronista brasileira nascida no Ceará. Autora dos romances: O Quinze; João Miguel; Caminho das Pedras e Memorial de Maria Moura, entre outros. Esteve próxima às posições trotskistas e hoje gosta de se definir como "uma anarquista doce".

21 Embora no livro de Míriam Leite, Outra face do feminismo, se tente provar a aproximação de Maria Lacerda de Moura do Partido Comunista, Otávio Brandão, dirigente comunista da época, e ex-anarquista, desmente na sua autobiografia, Combates e Batalhas (São Paulo: Alfa-Omega, 1978), que a sua tentativa tenha resultado.

#### Bibliografia consultada:

- Combates e Batalhas, Otávio Brandão. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.
- Os Companheiros (vol 1 a 5), Edgar Rodrigues. Florianópolis: Editora Insular, 1997-1998.
- Os Libertários, Edgar Rodrigues. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura, Míriam Lifchitz Moureira Leite. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- Jornal O Ceará, Fortaleza, 1928.

Adelaide Gonçalves(1) e Jorge Silva(2)

Texto original da Revista Utopia



OUTUBRO 2015



EXPRESSIONES

ANARQUISTAS

CAMPINAS - SP

PARTICIPE!

ente em contato para saber mais:

fenikso@riseup.net - exprana@riseup.net

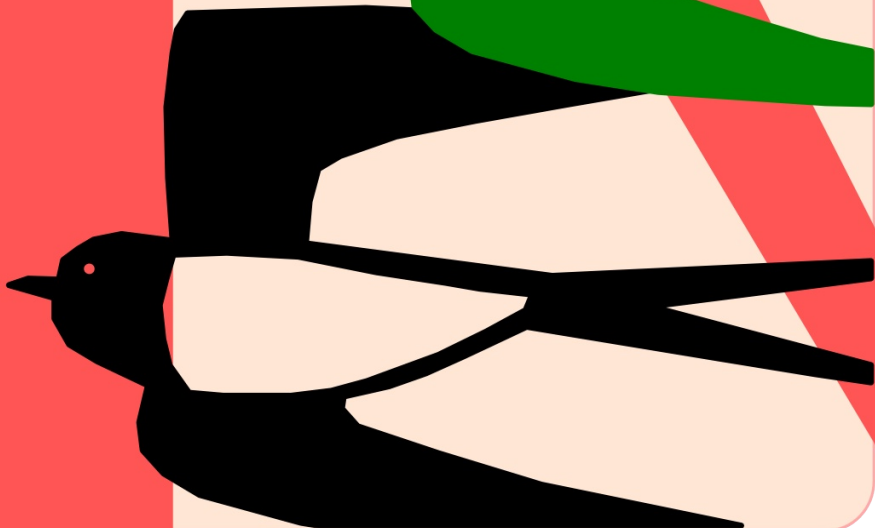
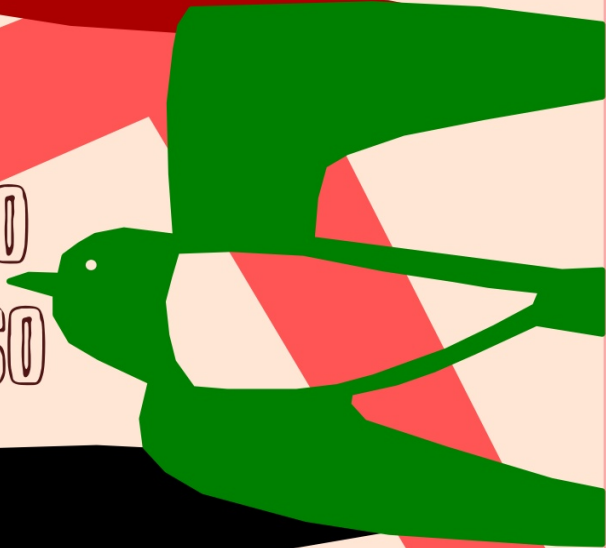
[anarkio.net](http://anarkio.net)

a  
n  
a  
r  
k  
i  
s  
m  
a  
m  
o  
v  
a  
d  
o

ANARKIO

ESPERANTO

KAMPINASO





**ANARKIO.NET**

ATÉ O FIM DE TODAS  
CLASSES SOCIAIS

# Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net